

MEDICINA EMPÍRICA

Fortunato Gabriel GIANNONI *

Como continuação ao nosso primeiro artigo, publicado no primeiro número desta revista, damos hoje continuação à História da Medicina, retomando os fatos na era do empirismo.

É peculiar, até hoje, continuar a Medicina inspirando-se no empirismo elementar ou juntamente em conceitos sobrenaturais imaginários. A progressão cultural dos diversos povos se faz de maneira dissociada.

O preparo artístico e intelectual do Extremo Oriente se acomodou e ainda hoje se acomoda, a procedimentos médicos fixados pela tradição desde sua origem. Os progressos constituídos pelo aparecimento do avião, dos vôos à Lua, da televisão, não conseguiram diminuir em nada a influência do feiticeiro ou do curandeiro existente na Índia, onde ainda hoje é mais intenso o culto à deusa da varicela e da varíola, do que o afluxo aos centros de vacinação. A Medicina primitiva evoluiu da mesma maneira em todos os países do mundo. Conforme afirma Jean Cazeneuve, o sobrenatural influi em todas as coisas misturando o natural e o social, fazendo com que a Medicina arcaica continue, ainda hoje, a manifestar-se no espírito da população com grande predomínio sobre a ciência verdadeira. As potências ocultas, as forças invisíveis estavam ligadas aos espíritos ou aos poderes ocultos dos feiticeiros, se manifestando nos sonhos, nos presságios de tudo o que era bom, como de tudo o que era ruim. Assim, a Medicina primitiva tinha uma explicação satisfatória para todos os seus sucessos e insucessos. Nada acontecia por acaso, tudo se explicava pela presença de forças místicas ou sobrenaturais. Desta maneira, a Medicina, integrada no sistema do pensamento arcaico, aparece ligada estreitamente a outras instituições como religião, magia, governo, família, educação, arte, economia, etc. Donde se conclui, que seu estudo estava ligado inevitavelmente à crença, superstições práticas e convenções relacionadas com a doença.

Nas sociedades primitivas, o feiticeiro, o sacerdote, o médico, eram considerados indivíduos sobrenaturais, capazes de agir sobre os doentes curando-os de seus males ou mesmo evitando que esses indivíduos ficassem doentes.

Sem possuírem meios de investigações, os primitivos se limitavam a comprovar e interpretar os fenômenos mais aparentes. Para eles, a doença se confundia com os sintomas e sinais e era considerada uma só coisa, não chegavam a distinguir causa e efeito, nem tão pouco podiam deduzir efeitos produzidos pelos remédios. Toda sua patologia era atribuída a duas causas essenciais: a) qualquer ingestão alimentar que não fosse de acordo com o organismo do indivíduo; b) qualquer intervenção sobrenatural punitiva exercida pelos deuses. Por exemplo: os indivíduos primitivos se alimentavam de insetos como grilos, gafanhotos, etc., aos quais era obrigatório retirar-lhes as pernas. Se isso não fosse feito, seria causa de doenças internas, otites, corrimentos, etc., assim como nos povos primitivos da África se atribuía a origem da moléstia de Hansen ao uso de certas carnes como porco, elefante, cobra, etc.

Para chegar ao diagnóstico das doenças internas, o médico primitivo ou curandeiro fazia um exame mais ou

menos completo, fundado em um profundo conhecimento da medicina empírica.

Para os povos primitivos, as doenças sobrenaturais representavam a maior parte da patologia. A medicina mágica e sacerdotal resumia a maioria da terapêutica e da arte de curar. Chamavam de doenças internas a todas aquelas que não eram conhecidas por sinais externos e ligavam-nas a causas sobrenaturais sempre misteriosas. O doente era um indivíduo possuído por esse misterioso espírito que fazia dele o que bem entendesse. Os sintomas nada mais eram do que manifestações da presença desse intruso no interior do indivíduo. Para se conseguir alguma melhoria no estado geral do doente, esse intruso teria que ser expulso do interior de seu organismo e só o poderiam fazer os curandeiros ou médicos muito capacitados, dotados de uma força sobrenatural muito poderosa, capaz de mobilizar o intruso e expulsá-lo de dentro do doente. O médico se confundia, pois, com o mago ou feiticeiro, personalidade poderosa e temida. O sacerdote, que também tinha poderes sobrenaturais, atuava por modo um pouco diferente: tinha o privilégio da santidade, e como estava diretamente ligado à divindade, esta tinha forças sobrenaturais capazes de expulsar o espírito mau ou demônio de dentro dos indivíduos por ele possuídos, que eram considerados pecadores, estando o resultado da cura na dependência da grandeza do pecado cometido. A doença era considerada uma pena imposta pela divindade para pagar uma falta, um crime, etc. Nesses casos, entrava já certo grau de ética no exercício da Medicina, pois o médico era o único que tinha o direito de indagar e descobrir o valor da culpa para poder aplicar também terapêutica equivalente, obtendo primeiramente o perdão para o doente e depois a cura do mesmo. Com esse procedimento, o médico criou o segredo médico, até hoje conservado em seu juramento que só muitos séculos depois foi valorizado por Hipócrates. "É o conceito de enfermidade sanção que ainda predomina em grande parte dos povos da África, como, por exemplo, um kissi da Guiné que se verá afetado de sífilis ou por manifestações edematosas se, apesar da interdição ritual, tiver tido relações sexuais com uma mulher de sua estirpe, ou uma mulher grávida, ou uma mulher que esteja amamentando. Uma criança poderá morrer em tenra idade se seu pai ou sua mãe se tornarem culpados de adultério" (Charles Coury).

Também a doença poderá ser enviada por uma divindade ofendida pelo indivíduo ou por uma comunidade que, neste caso, seria atacada com inúmeras flechadas por um arqueiro divino que desencadearia, assim, uma epidemia. Esta hipótese já era considerada pelos maias do antigo México. A grande epidemia de peste em 1348, a pandemia que grassou na Idade Média na Europa, etc., foram consideradas como castigo pela época e bacanais e orgias em que aquele continente estivera mergulhado.

Quase todos os deuses eram dotados de certos poderes ocultos de fazer desencadear ou fazer desaparecer uma epidemia, isso conforme a capacidade e competência do médico ou feiticeiro que o estivesse implorando.

Assim, existiam deuses especializados em produzir

* Prof. Titular de Propedêutica da Faculdade de Medicina da FUABC, Prof. Pleno de Propedêutica Clínica da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

doenças, como por exemplo os deuses de Base-Casamance da Guiné portuguesa, que distinguem, pelo menos, uma vintena de gênios "patogênicos"; Kahan, que produz a lepra; Kanelak, que produz as varizes; Finof, que provocava as desordens mentais; Kanfasa, que cria as distócias; Hufila que causa otites; Agbadboje, que envia a filariose; os "loa" do Haiti, que provocam as disenterias; no Laos são os "phi" os responsáveis pelas enfermidades" (Charles Coury).

Os males físicos e morais podiam também ser produzidos por um defunto insatisfeito ou rancoroso, com os mortos do Haiti, que provocavam dores de cabeça ao perambularem pelas povoações e eram designados de "almas penadas". Os antepassados da tribo, costumam aparecer para dar ordens, em sonhos, que deverão ser rigorosamente cumpridos, senão provocarão doenças tremendas.

O "mau olhado", causado principalmente pela inveja, tem sua origem na rivalidade que existia entre os feiticeiros. Um doente que procurasse determinado feiticeiro ou determinado médico e que por ele fosse tratado sem resultados satisfatórios, ficaria com "mau olhado", isto é, iria definhando lenta e gradativamente até morrer, pois nenhum outro médico teria capacidade de curá-lo. Nesse "mau olhado", que fazia até as plantas secarem, estava lançado o desafio para o olhar de qualquer outro médico mais competente que tentasse curá-lo. Se por acaso o doente, sob novos cuidados profissionais, apresentasse alguma melhora, esse novo feiticeiro tinha "olhar mágico", o que originou o conhecido "olho clínico" de nossos tempos. A magia negra nada mais era do que um "mau olhado" que se vestia de penas de galinha preta numa sexta-feira à meia-noite, na porta do cemitério e foi parar na porta da vítima levado pelo feiticeiro a mando de um inimigo. Aí nasceu o código de Ética médica e puniu severamente o transgressor dos rituais sagrados, que conspucou o templo da Medicina, se prestando a atos indignos dum feiticeiro que se preza.

Em Uganda, o feiticeiro indaga de seus fetiches adivinatórios nestes termos: "tal divindade que está irritada? tal antepassado que se queixa de ser olvidado? Foi tal indivíduo que fez um sortilégio?" etc. com finalidade de chegar ao diagnóstico da causa produtora da doença, isto é, se é tal ou qual divindade que está irritada para poder aplicar sua magia ou suas forças ocultas de curar o doente.

Na Medicina primitiva, como havia procura de diagnóstico, havia também o prognóstico, ou seja, o feiticeiro fazia uma adivinhação ou um presságio sobre o que iria acontecer. Os presságios que se fundavam em fenômenos cósmicos, na maioria das vezes indicavam, segundo as convicções pré-estabelecidas para eles, um bom ou mau prognóstico. Também entravam na avaliação do prognóstico fatos verificados à direita ou à esquerda do doente. À direita de bom augúrio e à esquerda de mau augúrio. A idéia do homem microcósmico intimamente relacionado com o macrocosmo ocupou um lugar de destaque na Medicina primitiva nos países da Europa na Idade Média. De todos estes fatos e presságios nascia a adivinhação do prognóstico. Nas populações do interior do Estado de São Paulo ainda hoje, há uma série de presságios, como por exemplo: tropejar é mau sinal quando há doente grave em casa; vento que assobia é espírito que vigia; coruja que soluça, é a morte que aguça; o canto da sondaria se parece com o cortar de

mortalha; o uautáu quando canta no telhado tem defunto empalamado. Todos indicadores de mau prognóstico. Os de bons prognósticos são raríssimos, porque não há tempo para se criarem suposições de melhoras. Estas brotam do estado geral do doente, que vai para a cama, dorme e deixa todo mundo dormir, e por isso não há tempo de refletir. A Terapêutica se dividia em duas partes: uma que se aplicava diretamente ao enfermo e outra que consistia em lutar contra os agentes sobrenaturais.

A terapêutica direta era formada pela reunião de conhecimentos adquiridos pelo médico durante milênios e conservados na memória da maioria deles, até a data primitiva e mesmo alguns perduram até nossos dias. Esses conhecimentos eram frutos da casualidade e eram obtidos por acaso quando, ao experimentar algum remédio, o doente fortuitamente melhorava. Além do mais, é preciso que se diga que o empirismo inteligente, doou à Medicina uma infinidade de descobertas de real valor científico, somente constatadas melhoradas por estudos aprofundados posteriores.

Foram produtos do empirismo muitas técnicas ortopédicas, cirúrgicas, uso de extratos de plantas, sangrias, hidroterapia, etc. As suturas de feridas eram praticadas corretamente, usavam diferentes fibras vegetais, cabeças de formigas saúva, cabeças de outros insetos, etc.

As fraturas e luxações, constituíam os fatos mais frequentes entre os primitivos povos, donde também se justificava a perfeição de técnicas adquiridas por eles. A imobilização, o uso de talas, ataduras, eram largamente usadas. A extração de pontas de flexas, as aberturas de abscessos superficiais, eram largamente praticados por eles. Se bem que os médicos primitivos possam ser considerados e equiparados a simples curandeiros, no entanto havia muitos que se dedicavam já na cultura duma verdadeira ciência cirúrgica, chegando a praticar reparações viscerais no abdômem, no tórax e até trepanações cerebrais.

A farmacopéia arcáica, constituída pela reunião de conhecimentos memorisáveis, precisaria de vários volumes se fosse escrita. Além do que, cada curandeiro tinha suas receitas próprias, que eram dadas sob forma de tisanas ou infusões, etc. Na maioria delas a mistura era constituída de folhas, cascas, raízes e talos, que eram recolhidos em épocas apropriadas, segundo o desenvolvimento da planta e segundo as estações do ano.

A sangia era largamente usada, ventosas, pontas de fogo, as escarificações produzidas por plantas irritantes tão usadas pelos japoneses, a hidroterapia, a termoterapia, os banhos de lama, banhos de vapor, aplicações de calor úmido ou seco por meio de compressas etc.

Quando uma doença era produzida por patologia sobrenatural, o tratamento era feito irracionalmente, desconcertante. Todas elas tinham um ritual, ao qual eram obrigados a seguir, sempre de origem religiosa ou supersticiosa pelo menos. Sir James Frazer, em seu livro "Ciclo de la Rama Dourada" fez um minucioso estudo desta Medicina primitiva, toda eivada de crenças e rituais os mais estupafúrdios, possíveis, que constitui o acervo do que ainda se consegue preservar de sua história. Desses estudos se conclui que são 3 os principais itens que serviam de esteios à Medicina sobrenatural dos povos primitivos:

a) "O princípio de solidariedade ou de contágio, que estabelece um laço entre a parte e o todo", isto é, supõe,

além do mais, uma continuidade entre o ser humano e tudo o que lhe havia pertencido ou com ele teve contato (os cabelos, recortes de unhas, armas, instrumentos etc.). Os objetos de uso pessoal como roupas, armas, instrumentos, formavam corpo com seu antigo proprietário. Estes objetos constituíam valores extraordinários para as manobras de magia benéficas ou malélicas aplicadas aos doentes que procuravam o médico de então, que guardavam essas relíquias às quais se lhes atribuía poderes sobrenaturais na cura das doenças.

Os feiticeiros da Melanésia, devem seus sucessos e suas riquezas ao poder de curar as doenças, queimando os excrementos dos doentes. Estas magias eram também feitas com a sombra do doente, pois se considerava esta como parte anatômica do indivíduo, porém ligada especificamente à alma de cada um. O nome do indivíduo também era dotado de poderes mágicos e fazia parte integrante de sua personalidade. Ao se invocar o nome de um morto importante, principalmente um feiticeiro ao qual se lhes atribuía poderes sobrenaturais, esses poderes eram adquiridos pelo médico que o invocasse, assim como revelar o nome de alguém a outrem seu inimigo constituía crime imperdoável, pois esse inimigo poderia usá-lo em magias negras contra terceiros. Por esta razão, em determinadas tribos os pais não revelaram o nome de seus filhos a não ser quando eles já tivessem feito a cerimônia de iniciação; estas medidas eram tomadas para proteger os filhos contra toda a qualquer força maléfica.

A ação própria da palavra tinha um efeito sobrenatural extraordinário para afastar as forças sobrenaturais. Assim, o feiticeiro ao afirmar categoricamente que o doente estava curado, este realmente se sentia bem pela força da sugestão.

Os médicos sacerdotes agiam por exorcismo ou por orações, sempre apelando pela ajuda de uma divindade superior, invocando o nome dessa divindade em voz alta, para que ela afastasse de seu consulente a doença. Caso a terapêutica não produzisse efeito satisfatório, o médico então voltava a insistir no pedido, prometendo um sacrifício expiatório. Às vezes nada conseguindo obter na melhora de seu consulente, ameaçava então a divindade, depois de cuidadosamente se ter intrincheirado atrás do nome de outra divindade mais poderosa que a primeira. Numerosas são as variações da arte de curar usadas pelos antigos médicos da Medicina primitiva e numerosos são os documentos que existem a esse respeito.

Juntamente com a palavra, o médico usava muito os gestos com uma ou duas mãos, inclinando o corpo reverente para frente uma, duas ou tantas vezes, que posteriormente isso se transformou em um ritual sagrado, transformando-se em dança. Disso resultava que, em muitas tribos, o médico só atendia num ritual próprio de dança, na maioria das vezes exóticas.

Havia também curas por transferência. O médico, por meio de forças ocultas, transferia de um doente para outro indivíduo são os males do primeiro; se o indivíduo que recebia a transferência não tinha crime algum ou culpas grandes, as doenças recebidas desapareciam do doente ou então, caso contrário, se agravavam de modo violento; isso de um certo modo, já representava naquela época uma charlatanice do feiticeiro, pois estaria desculpado de sua incapacidade, alegando que o receptor encontrado não servia, recaindo toda a culpa no receptor que havia ocultado seus crimes, o qual por sua vez era severa-

mente espancado pela turba. Daí nasceu o linchamento, dos criminosos provavelmente. O mesmo se conclue do canibalismo existente até hoje entre certas tribos selvagens. Nada mais seria do que a procura de obter transferência das qualidades do morto para si, pois julgavam que, comendo a carne do superior, herói, mártir, santo, ou sábio, transferir essas qualidades para a própria pessoa, que procurava então comer as partes mais admiradas do defunto; uns admiravam a bondade e preferiam o coração; outros admiravam a inteligência e se banquetavam com o encéfalo; outros admiradores da força bruta comiam os braços e as pernas, etc. Esse poder de transferência também era observado em certas terapêuticas usadas e aconselhadas pelos médicos; receitavam para as crianças, carne de elefante para obter boa dentição, pelo simples fato de o elefante possuir dentes colossais; receitavam para os que tivessem erupções na pele usar um amuleto de couro de tartaruga, com finalidade de que as erupções reentrassem debaixo da pele, como faz a tartaruga que esconde a cabeça debaixo do casco. Ainda hoje se usa o pé de coelho para fugir vertiginosamente da má sorte.

O valor purificador da água, por remover tudo o que é impureza, é ainda hoje o principal ritual do batismo em todas as religiões; o poder destruidor do fogo, o poder retentor das figuras circulares, que pediam a progressão das doenças quando se traçava uma circunferência em torno de uma lesão; assim, ainda hoje existe o hábito arraigado de traçar com tinta roxa uma circunferência em torno da erisipela, em torno das lesões da larva migrans, em torno dos olhos e da boca das crianças com sarampo, para impedir a progressão do exantema para essas partes mais nobres. Só que no sarampo é aconselhado usar-se uma tinta vermelha igual em cor à erupção, para que a doença "pense" que já invadiu aquela parte e não se interesse mais em progredir naquela direção. Como é um círculo a figura traçada, ela estará bloqueada em todas as direções. A tinta roxa usada para cercear a progressão da erisipela tem que ser roxa, pois essa cor é a única que afugenta o demônio (a erisipela era considerada o demônio embaixo da pele).

Mil outras superstições poderíamos citar, todas ligadas à Medicina primitiva, umas e outras variando de conformidade com os povos e os conceitos já firmados de longos anos pelas diferentes tribos. Uma superstição fácil de ser verificada ainda hoje, está no significado de certos números em S. Paulo e no Rio de Janeiro. O número 13 é de mau agouro em São Paulo e é sorte, felicidade, para o carioca. A sexta-feira é de mau agouro em S. Paulo, no Rio é véspera de sábado de carnaval... eterno carnaval. As sextas-feiras são alegres por serem véspera de sábado e de domingo. As segundas-feiras dias azia-gos da volta ao trabalho. Porém, as quartas-feiras são os dias mais tristes para o carioca, por lembrarem o final do carnaval.

As superstições variavam muito mais nas tribos nômades, que se influenciavam pela presença de indivíduos de outras crneças e outras religiões.

Quando gênio do mal se localizava num órgão fácil de ser atingido pelo exorcismo, se tornava mais fácil eliminá-lo. Quando ele se localizava na cabeça, era mais difícil retirá-lo e devíamos abrir um caminho para que ele encontrasse saída fácil. Essa poderia ser a explicação dada para o grande número de trepanações do vivo, encontradas abundantemente no período da pré-histó-

ria, na era pré-colombiana. Porém, pode ser também um fato obrigatório ritual, em algumas populações. Na Oceania, no Taiti, o cientista Topinard, em 1875, encontrou numerosos indígenas, habilíssimos trepanadores, que não tinham tempo para mais nada a não ser atender sua numerosa clientela. Uma crendice muito espalhada entre os povos africanos para curar certas moléstias graves quando o doente se encontrasse em estado pré-agônico, era untá-lo com substância com mau odor para afugentar o demônio (excremento de animais, óleos de plantas fétidas, carniça, etc). Eu mesmo, há 60 anos atrás, tive oportunidade de assistir o seguinte fato: nós morávamos numa fazenda, no interior de São Paulo, e um meu irmãozinho tendo se queimado extensamente na região dorso-lombar, estava agonizando apesar do tratamento instituído por médico daquela época, competetíssimo! Nós tínhamos na fazenda várias famílias de africanos já radicado; há muitos anos naquela propriedade, que tinham sido escravos e que eram nossos empregados. Uma preta velha por alcunha chamada Nhá Rosa, feiticeira e curandeira inveterada desde os tempos em que foi escrava, era a madrinha do Plínio por "representação" (isto é, não era a verdadeira madrinha de batismo que, por infelicidade, era uma outra pessoa colocada mais alto na esfera social). Essa honraria tornou-a mais dedicada ainda e mais apegada ao afilhado que estava prestes a morrer. Ela passava os dias e as noites junto ao leito do moribundo rezando, benzendo, gesticulando e chorando, pedindo à mamãe que a deixasse aplicar no afilhado uns remédios que aprendera na África e que fazia verdadeiros milagres nas queimaduras. Mamãe nunca poderia ter imaginado o que eram os tais remédios. Porém, assim mesmo não deu ordens para que ela os aplicasse alegando que o médico havia enfaixado todo o menino e proibido que se tocassem no curativo. Numa daquelas noites terríveis, em que todo mundo já sucumbia de cansa e de sono, ela sorrateramente retirou todos

os curativos e aplicou avundantemente seu remédio. Mamãe não se apercebeu do que havia sucedido, a não ser desconfiou do entusiasmo e convicção e Nhá Rosa que, alegre, agora, afirmava e garantia que seu Plínio iria sarar, não iria mais morrer. Interrogada por mãe ela, chorando de contentamento, trazia estampada no rosto uma felicidade contagiante, que dominou inclusive mamãe, que correu para o quarto para ver qual foi o remédio aplicado por ela. O doentinho estava lambuzado dos pés à cabeça de estrume de vaca bem fresco que ela havia colhido na mangueira!

Foi preciso mamãe agradecer Nhá Rosa e convencê-la, já que havia salvo o afilhado, para que ela fosse repousar e voltasse no dia seguinte para apreciar as melhoras do afilhado. Ela contrafeita, foi dormir, aliviada que estava por ter salvo o menino.

Imediatamente mamãe e minha irmã Mercedes, pegaram Plínio e deram-lhe um último banho, pois não tinham mais dúvidas, quanto ao desenlace próximo; com muito cuidado foram removidas todas as partículas de estrume que aderiram ao tecido de granulação que já se havia formado, isso aos gritos e gemidos do doentinho. Recolocada a pomada primitiva que provavelmente tinha em sua fórmula algum anestésico, o doentinho tomou a noite toda. No dia seguinte, o médico ficou estarecido na expectativa de trismo do maxilar (tétano). Qual nada, a defesa do tecido de granulação impediu até a menor infecção secundária. Um mês depois, Nhá Rosa apareceu vestida toda de branco, descalça, bem arrumada para levar o Plínio até a próxima encruzilhada para fazer um despacho com a mais bela galinha preta de mamãe, para afugentar o "capeta".

Eis aí, o que era a medicina dos feiticeiros da África.

Recebido para publicação em 5-2-1979.
Aprovado para publicação em 5-2-1979.

Endereço para correspondência:
Fortunato G. Giannoni
R. Martim Tenório, 123
05074 - São Paulo - SP